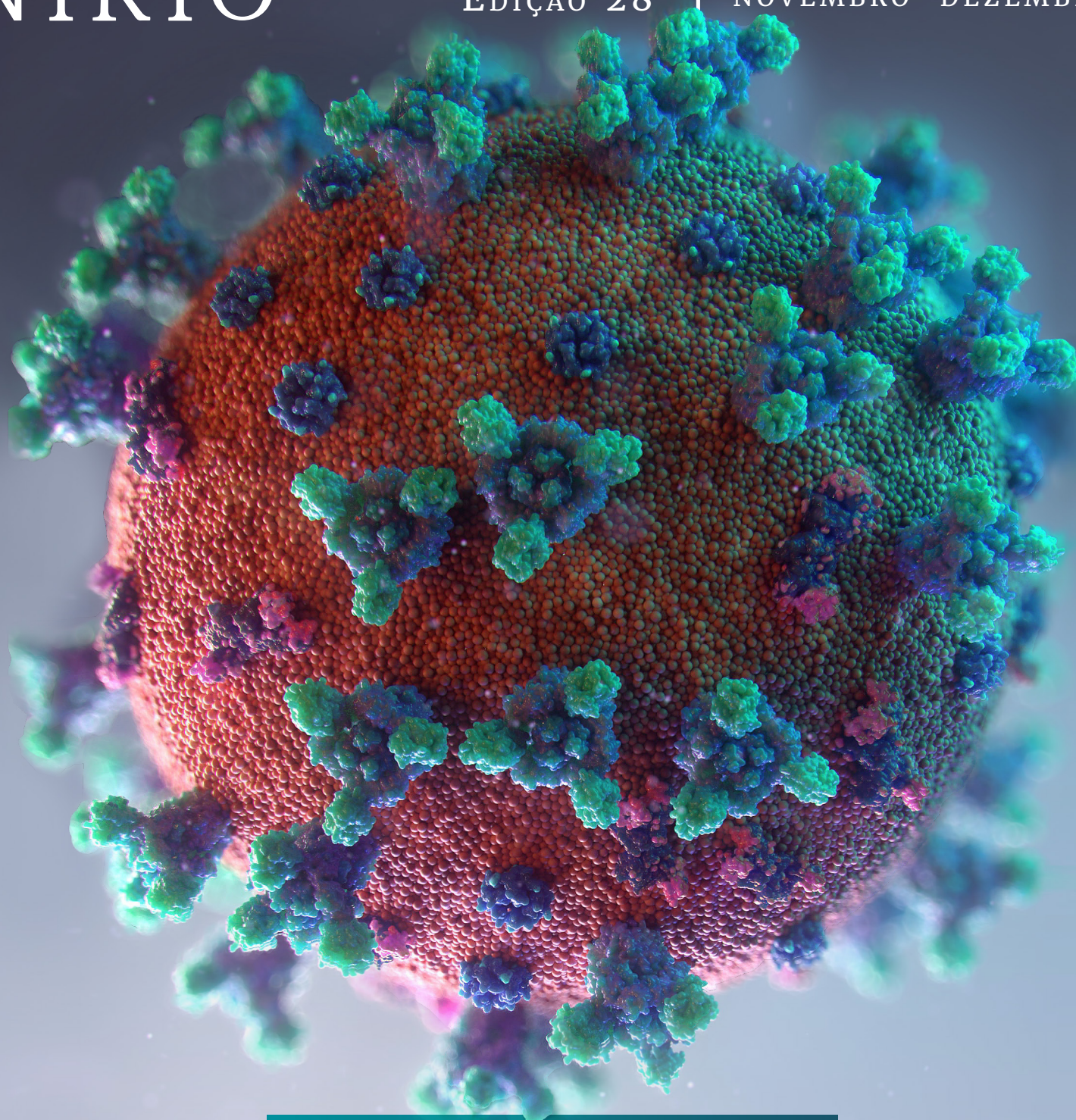


EM FOCO

UNIRIO

EDIÇÃO 28 | NOVEMBRO~DEZEMBRO/2021



Fusion Medical Animation/Unplash

ESPECIAL | PARTE 3

Covid-19

Sinais e sintomas da doença, disseminação do vírus, impactos na saúde mental e alterações comportamentais decorrentes da pandemia são temas de pesquisa na Universidade

POR GABRIELLA PRAÇA

A pesar dos avanços na vacinação em boa parte do mundo, incluindo o Brasil, a pandemia de Covid-19 ainda não está sob controle. A emergência da variante Ômicron, com alto poder de transmissão, lança novamente uma série de incertezas sobre o futuro próximo.

As perguntas a serem respondidas e os desafios a serem solucionados pela ciência deverão permanecer, mesmo após o fim da pandemia. Questões, como as sequelas provocadas pela Covid-19, as alterações comportamentais desencadeadas pelo isolamento social e os impactos da crise sanitária na saúde mental da população, ainda instigam pesquisadores de todo o mundo.

O último número do ano do informativo *Em Foco* traz a parte final da reportagem em série sobre a Covid-19, com pesquisas da UNIRIO relacionadas à pandemia.

Alterações cognitivas

Em março de 2020, um paciente de 47 anos deu entrada em unidade hospitalar na cidade do Rio de Janeiro, queixando-se de dificuldade de concentração, seguida de febre e perda de olfato e paladar. Pouco depois, a infecção pelo novo coronavírus seria confirmada por meio do teste de RT-PCR. O episódio daria origem ao [primeiro](#)



[relato de caso do mundo relacionando a Covid-19 a problemas de atenção](#), publicado em novembro do ano passado na revista *Psychiatry and Clinical Neurosciences*.

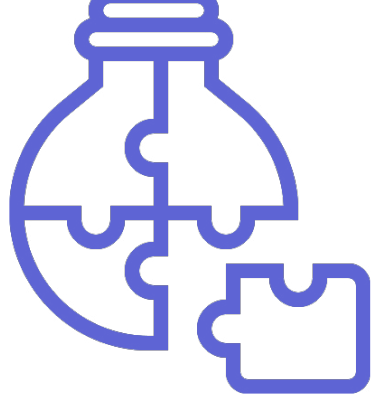
O trabalho é de autoria da equipe do Laboratório de Avaliação Neurocomportamental (LAN) da UNIRIO, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Neurologia (PPGNEURO) e coordenado pelos professores Sergio Luis Schmidt e Julio Tolentino. A partir de uma abordagem multidisciplinar, o grupo investiga questões relacionadas à neurologia do comportamento, desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Em estudos prévios, os cientistas do LAN já vinham se dedicando a doenças como Alzheimer, Parkinson e transtorno cognitivo leve, analisando o impacto desses distúrbios na capacidade de concentração e no tempo de reação a estímulos do ambiente. A partir do início da pandemia, a equipe se voltou para a Covid-19, observando o aparecimento desses mesmos sintomas na infecção causada pelo Sars-CoV-2. “Percebemos prejuízo da atenção na forma leve da doença, exatamente como ocorre no início do Alzheimer e no transtorno cognitivo leve”, aponta Sergio Schmidt. Segundo ele, as alterações cognitivas tendem a persistir mesmo após o desaparecimento dos demais sintomas.

”

Percebemos prejuízo da atenção na forma leve da doença, exatamente como ocorre no início do Alzheimer e no transtorno cognitivo leve.

Sergio Schmidt



Para combater o problema, o Hospital Universitário Gaffrée e Guinle (HUGG) inaugurou, em setembro deste ano, o Ambulatório Pós-Covid, onde os pacientes são atendidos pela equipe multidisciplinar do LAN, a partir da integração de diversas especialidades médicas e da saúde. A proposta é avaliar e reabilitar pessoas que apresentem falhas de memória, dificuldade de concentração e alterações nas funções executivas – como, por exemplo, a capacidade de planejamento e a habilidade de resolução de problemas. O tratamento consiste na prática de exercícios mentais por meio de programas computadorizados de reabilitação cognitiva, com ferramentas de realidade virtual, entre outros recursos.

Paralelamente, o grupo prossegue com as pesquisas relacionadas à Covid-19. Há um projeto em andamento, a respeito dos aspectos neuropsicológicos das dores provocadas pela doença. O objetivo é avaliar a dor crônica, a ansiedade e a depressão como fatores capazes de provocar prejuízo atencional.

Há, ainda, um artigo em fase de submissão para publicação, que analisa o impacto dos sintomas cognitivos em atividades cotidianas. O trabalho aborda especificamente os efeitos da Covid-19 sobre as demandas cognitivas para a segurança no trânsito. “Examinamos 30 pacientes do



Examinamos 30 pacientes do HUGG no momento da alta, e verificamos que a maioria deles seria reprovada em testes de atenção para dirigir.

Sergio Schmidt



HUGG no momento da alta, e verificamos que a maioria deles seria reprovada em testes de atenção para dirigir”, revela o professor. Os fatores considerados foram tempo de reação, capacidade de foco, habilidade para sustentar a atenção e controle de respostas inibitórias – ou seja, capacidade de manter a concentração diante de estímulos externos que possam causar distração e desviar o foco dos eventos relevantes da rua.

Nutrição e envelhecimento

O isolamento social acarretou mudanças na rotina dos diferentes segmentos da população, afetando particularmente grupos mais vulneráveis, como a terceira idade. Para avaliar o impacto da pandemia na alimentação e no estado nutricional de pessoas nessa faixa etária, os professores Sandra Pereira, Luciana Ferreira e Marcelo Castanheira, da Escola de Nutrição, deram início a um estudo longitudinal com idosos em domicílio e institucionalizados, combinando ações de pesquisa e extensão.

O objetivo é avaliar e comparar a nutrição de dois grupos: participantes do Programa Renascer, voltado para a promoção de saúde e qualidade de vida na terceira idade e desenvolvido no Hospital Univer-

O isolamento social acarretou mudanças na rotina dos diferentes segmentos da população, afetando particularmente grupos mais vulneráveis, como a terceira idade.



sitário Gaffrée e Guinle (HUGG); e moradores da Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) Lar de Francisco, na Zona Norte do Rio de Janeiro. “Abordamos fatores demográficos, alimentares, antropométricos, além das atividades diárias, com questões pensadas para cada grupo”, destaca o professor Marcelo Castanheira, coordenador de pesquisa do projeto.

Para os participantes do Programa Renascer, foram disponibilizados canais de informação e comunicação on-line sobre nutrição, por meio de páginas no [Instagram](#) e no [Facebook](#), além de um grupo criado no WhatsApp para debater sobre o tema em ações de extensão, com a equipe coordenada pela professora Sandra Pereira. Segundo Castanheira, os moradores do lar geriátrico não participavam dessas atividades remotas, mas se beneficiavam de ações locais, com profissionais de saúde da instituição.

Também foram feitas, com os idosos do Renascer, entrevistas telefônicas sobre aspectos sociodemográficos, saúde geral, alimentação e nutrição durante o período de confinamento, conduzidas por alunas da graduação em Nutrição da UNIRIO. Buscou-se saber, por exemplo, se o idoso morava sozinho, se recebia algum tipo de auxílio financeiro na pandemia e

Foram feitas entrevistas telefônicas sobre aspectos sociodemográficos, saúde geral, alimentação e nutrição durante o período de confinamento.



se preparava as próprias refeições, além da frequência dos marcadores alimentares, segundo o [Guia Alimentar para a População Brasileira](#).

Os relatos indicaram tendência de queda no consumo de fontes de proteína animal, como carne vermelha, frango e ovos, ou substituições por opções mais baratas de cortes, devido à alta dos preços em meio à pandemia. Além disso, foi verificado o aumento da ingestão de alimentos ultraprocessados – pizzas, sanduíches e biscoitos, entre outros produtos – em substituição ao jantar. De acordo com o professor, diversas doenças crônicas se relacionam ao consumo desses alimentos, devido a ingredientes frequentemente utilizados pela indústria, como farinha refinada, açúcar e gordura hidrogenada. Os dados coletados deram origem a um trabalho de conclusão de curso (TCC), publicado no mês de setembro de 2021.

Foi verificado o aumento da ingestão de alimentos ultraprocessados – pizzas, sanduíches e biscoitos, entre outros produtos – em substituição ao jantar.

Em função da pandemia, o Lar de Francisco permaneceu fechado para os pesquisadores até novembro deste ano, quando foi possível iniciar as visitas ao local para conversar com os profissionais da instituição, analisar prontuários, realizar exames físicos e fazer entrevistas com os idosos. Os resultados serão divulgados em um novo TCC, com publicação prevista para janeiro de 2022.

Outros produtos estão previstos para o primeiro semestre do próximo ano, sendo concebidos, elaborados e publicados em primeira autoria pelos alunos participantes do projeto, entre bolsistas de monitoria, extensão e iniciação científica da UNIRIO.

Ansiedade estudantil

“Recebemos muitos pedidos de socorro”. A revelação, feita pela professora do Instituto Biomédico (IB) Eliane Rocha, evidencia o estado emocional dos estudantes ao longo de 2020. “Os alunos nos procuravam para conversar e dividir as dificuldades e angústias daquele momento, que foram muitas”, completa. À frente do projeto *Avaliação da ansiedade e do estresse em graduandos de medicina no contexto da pandemia de Covid-19*, a docente coordena uma equipe de cinco alunos de iniciação científica da Escola de Medicina e Cirurgia (EMC), junto com a professora Solange Campos Vicentini, também vinculada ao IB.

A iniciativa é fruto do debate empreendido pelo grupo nas reuniões do programa de extensão Saúde, Bem-estar e Qualidade de Vida (Sabeq), coordenado pelas professoras. O projeto foi coletivamente construído a partir dos encontros semanais, que passaram a ocorrer on-li-



**Recebemos
muitos
pedidos de
socorro.**

Eliane Rocha



ne em face da necessidade de isolamento social. “A ideia surgiu das discussões, e com grande contribuição dos alunos, que pareciam querer ‘se agarrar’ a algo, diante da impossibilidade de seguir sua própria rotina”, ressalta Eliane.

Para a professora, o contexto social daquele momento gerou oportunidades de aprendizado e crescimento, na medida em que obrigou as pessoas a se adaptarem às restrições impostas pela pandemia. Ela ressalta que a adoção de ferramentas virtuais possibilitou a maior integração entre atividades de ensino, pesquisa e extensão, eliminando barreiras físicas para a realização dos encontros.

O objetivo do grupo é traçar um panorama da saúde mental dos alunos da EMC no segundo semestre de 2020, a partir de entrevistas on-line feitas na época com esses estudantes. O questionário busca analisar fatores como solidão, atividades laborais e prática de exercícios físicos em relação à maior ou menor incidência de sintomas de estresse e ansiedade.

O projeto não tem caráter diagnóstico, e todo o estudo é feito com base na autodeclaração dos participantes. Mais de 350 alunos responderam ao questionário, totalizando pouco menos de 50% do corpo discente da EMC. Os dados obtidos passarão por análise estatística, visan-

”

A ideia surgiu das discussões, e com grande contribuição dos alunos, que pareciam querer ‘se agarrar’ a algo, diante da impossibilidade de seguir sua própria rotina.

Eliane Rocha



do à correlação entre o estado de estresse e ansiedade relatado pelos participantes e a propensão de cada um deles ao desenvolvimento desses problemas, revelada pelas respostas. Além disso, será feita a comparação com o cenário pandêmico de outros países, como China, Portugal e Reino Unido.

Integrante do projeto, o aluno do 6º período da EMC João Guilherme de Castro aponta a condição de maior vulnerabilidade mental intrínseca aos acadêmicos de medicina. “Diversas pesquisas já revelavam o maior nível de ansiedade e estresse vivenciado por esses estudantes, mesmo antes da pandemia”, destaca. Para ele, fatores como a alta carga horária, os estágios obrigatórios e os plantões noturnos exigidos na parte final do curso propiciam os alunos a se tornarem, naturalmente, “mais ansiosos e estressados” do que a média da população.

O estudo irá viabilizar o desenvolvimento de ações permanentes de acompanhamento desse público. Segundo a professora Eliane, a ideia é criar uma mentoria por meio da qual os alunos receberão orientações sobre a formação profissional e as dificuldades que surgem ao longo da trajetória, com a possibilidade de interagir com médicos e professores. “É preciso incentivar a troca de experi-



Diversas pesquisas já revelavam o maior nível de ansiedade e estresse vivenciado por esses estudantes [de medicina], mesmo antes da pandemia.

João Guilherme de Castro

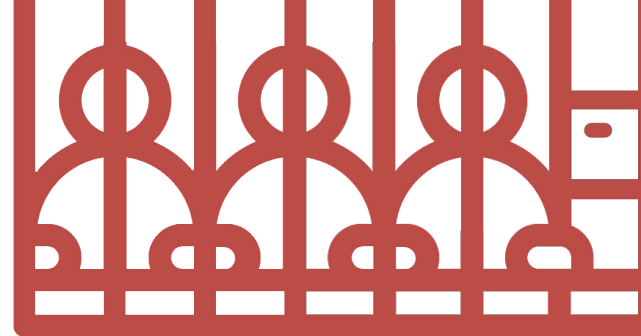
A proposta do grupo é investigar o contexto sanitário das prisões brasileiras, comparando a realidade intra e extramuros em relação à disseminação de Covid-19.

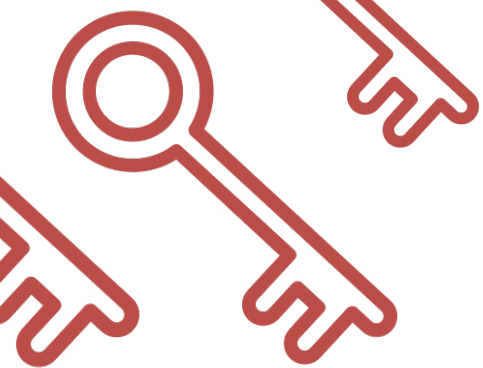
ências, a fim de minimizar o sofrimento, e, em casos específicos, encaminhar o estudante para atendimento médico ou psicológico”, alerta.

Espelhos da morte

Como a Covid-19 evoluiu no interior dos presídios brasileiros? A questão direciona o projeto de pesquisa *O Espelho Social: Prisões como Fonte de Disseminação de Doença e Geração de Variantes, 2020-2022*, desenvolvido por um grupo de bolsistas de iniciação científica da Escola de Ciências Jurídicas da UNIRIO, sob a coordenação do professor Carlos Roberto Oliveira, do Departamento de Saúde Coletiva.

A proposta do grupo é investigar o contexto sanitário das prisões brasileiras, comparando a realidade intra e extramuros em relação à disseminação de Covid-19, no período compreendido entre 2020 e 2022. O ponto de partida foi a análise de relatórios produzidos por organizações como a Anistia Internacional e a Pastoral Carcerária sobre as precárias condições penitenciárias no país. Os documentos revelam a convergência de fatores como superlotação de celas, falta de adesão às máscaras e ausência de uma política de vacinação e comorbidades, facilitando a disseminação da doença.





“Embora o ordenamento jurídico brasileiro não preveja a pena de morte, os prisioneiros foram considerados indignos de receber os mesmos cuidados sanitários que a população em geral”, aponta Oliveira. De acordo com o professor, o encarceramento teria relegado esses indivíduos ao “esquecimento punitivo, em uma condenação moral por seus crimes, responsável por índices de mortalidade várias vezes superiores ao da população em liberdade”.

Para elucidar as causas desse fenômeno, o grupo investigou a origem das grandes variações na taxa de mortalidade entre diferentes países durante a pandemia. As disparidades observadas, segundo ele, se devem ao “contexto pandêmico” de cada país, compreendido como uma combinação de fatores biológicos e sociais. A partir desse conceito, os pesquisadores se dispuseram a investigar o papel dos determinantes sociais nas variações do número de mortos e infectados e da gravidade da doença, visando à construção de novas perspectivas para a formulação de políticas públicas.

Entre as vulnerabilidades apontadas está o aumento da população carcerária, antigo problema brasileiro. “Não é preciso esforço para perceber que o sistema prisional abriga um número de detentos



Embora o ordenamento jurídico brasileiro não preveja a pena de morte, os prisioneiros foram considerados indignos de receber os mesmos cuidados sanitários que a população em geral.

Carlos Roberto Oliveira

muito superior à sua capacidade, em más condições de administração do espaço físico e dos recursos materiais e humanos, colocando em constante risco a saúde e a vida dos apenados e de todos que ali trabalham”, sentencia Oliveira. Segundo ele, o problema se soma à falta de higiene e à má qualidade da alimentação, potencializando o avanço da Covid-19 nas prisões.

A pesquisa já deu origem a artigos publicados em congressos e seminários nacionais e internacionais. O próximo trabalho a ser divulgado, *Mercado e Diplomacia Vacinal*, já aceito para publicação, consiste em um desdobramento do estudo original, abordando o novo modelo médico de “Bio-capital”, caracterizado pela desigualdade política e econômica na oferta de vacinas, transformadas em *commodities*.

NOVEMBRO ~ DEZEMBRO / 2021

INFORMATIVO ELETRÔNICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Edição

Daniela de Oliveira Pereira

Revisão

Simone Bastos Rodrigues

Programação Visual

Bruno Tostes de Aguiar

Imagem de Capa

Fusion Medical Animation/Uplash

Pictogramas

www.flaticon.com

SUGESTÕES DE PAUTA: COMUNICACAO@UNIRIO.BR
